

Testemunho e reflexão a caminho do Sínodo.

"Catequese contínua ou permanente."

pe. Zé Fumagalli Suzana 7-05-2016
programa transmitido em Kriol pela Rádio Sol Mansi

Era o dia dois de Março de 1969, a comunidade de Suzana estava em festa. pelo segundo dia consecutivo. Estávamos reunidos na capela para completar a celebração dos primeiros Baptismos de Felupes daquela localidade.

Nascia a Igreja de Deus em Suzana e nascia no meio de cânticos originais, os primeiros, nesta nossa época, numa língua nativa da GUINÈ BISSAU. Ainda não se ouviam tambores a acompanharem os ritos da Liturgia; isso acotecerá só depois de uns meses, em Suzana, com a festa da Ascensão.

Para completar as coisas "estranhas" daquele dia: o próprio ritual do Baptismo dos adultos fora modificado.

Ainda não tínhamos o "Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos", (R.I.C.A.), que saiu só três anos depois, a 6 de janeiro de 1972, mas que eu esperava. De facto, eu sabia que, depois de o Concílio Ecumenico Vaticano II ter mandado restaurar o Catecumenato (Sac. Conc. n. 64), a Comissão para a aplicação dos decretos retomara o trabalho que já vinha a ser feito desde umas décadas e começou a experimentação, numas dioceses da Europa e em terras de missões, daquilo que, oportunamente modificado, viria a ser o R.I.C.A.

Por nossa parte nós distribuimos em dois dias os elementos do velho ritual, introduzindo leituras, cânticos e orações de forma a tornar evidentes as demais "etapas" do catecumenato que individuámos e que, ao longo dos séculos, tinham sido concentradas numa só celebração. Acrescentámos também uma explicação catequística que acompanhou a celebração momento por momento nas suas várias fases.

O entusiasmo era evidente, de maneira particular em pe. Spártaco Marmugi, que naquele dia via concretizar-se um trabalho e uma espera de bem 17 anos, quantos passaram desde a sua chegada a Suzana.

No dia seguinte pe Spártaco reuniu os neófitos e os demais catecúmenos em assembleia, a primeira depois do "nascimento da Igreja" entre os Felupe de Suzana.

Segundo o seu estilo, depois de uma agradecimento a Deus pelo dom da fé e da existência da Igreja na nossa comunidade e depois de ter pedido a ajuda do Espírito Santo, entrou directamente no assunto.

"O Baptismo nos fez filhos de Deus, mas, como s. João nos diz na sua primeira carta, ainda não sabemos ao certo o que isso quer dizer. Porém sabemos bem duas coisas:

- 1 - como filhos de Deus temos que imitar Jesus praticando o seu mandamento, o do amor: amor entre nós, como irmãos para que os outros também acreditem amor aos outros, para testemunhar o amor com que Jesus nos amou: o que è que vamos fazer concretamente?

E nasceu o que depois veio a ser a Cáritas paroquial

- 2 - Não pensem que, recebido o Baptismo, a catequese acabou, nem por sombras! Temos que nos dar conta do que isso quer dizer para a nossa própria vida, primeiramente, como também depois para a vida dos nossos irmãos, do nosso "chão". Temos que aprender como traduzir no dia a dia do "chão" felupe o que quer dizer ser cristão e como esta vida se deve transformar"

E lá fomos com as discussões e com os pareceres. Estávamos em tepos de guerra, não havia comunicações e não era possível fazer "intercâmbios" com outras paróquias que nos abrissem o caminho. Pelo que éramos "obrigados", por assim dizer, a pesquisar nas fontes, ma história da Igreja desde suas origens.

E eu também fui lançado nas minhas primeiras experiências de catequese em Felup. Estava na Guiné desde pouco mais de sete meses e em Suzana desde sete meses escassos. Peguei na folhas em que o pe. Marmugi estava traduzindo um catecismo em Francês para a África Ocidental (o antepassado de "Kriston aós"), as passava a máquina, estudava e ia dar catequese aos jovens que, no entanto corrigiam o meu Felupe bem escaasso.

Bom, desde então nunca mais parei de preparar textos e dar catequese, de maneira particular aos adultos, aos chefes de família, aos que são os aliceses das nossas comunidades.

Mas não era só "dar" catequese, mas sim "dar e receber" porque a catequese contínua daquela forma fez-me crescer a mim também como cristão e como padre, e disto estou imensamente agradecido. Uma mão dá, outra mão recebe.

Dizia há bocado que, dada a situação de guerra, fomos obrigados a procurar modelos de comunidade não tanto em nossa volta, na "geografia" quanto nas fontes, quer dizer na "história" e, acrescento, por sua vez interpretada a partir da experiência de vida de comunidades tradicionais felupes. A coisa tornou-se dramática com o falecimento de pe. Marmugi, a 28 de Dezembro de 1973: agora estava sózinho, inexperiente diante duma tarefa que aparecia sim empolgante, mas também de enorme responsabilidade.

A guerra acabou no espaço de poucos meses, mas permanecia a dificuldade de comunicação. Acrescenta-se o facto de que os libertadores saíram do mato repetindo, por algum tempo, a lição aprendida de cor, a saber "Deus ka ten" e ... as igrejas se esvaziaram: não era o momento melhor para irmos aprender deles alguma coisa, ainda mais porque parecia-nos exagerado o medo que eles demonstravam: nós sabíamos por experiência directa que Deus não te abandona se, na perseguição, continuas a testemunhar por Cristo Jesus.

O que nos socorreu então foi mesmo a **Catequese permanente**, a catequese contínua.

Virámo-nos decididamente para o Novo Testamento procurando descobrir nele não só como os primeiros cristãos conseguiram passar a viver em novidade de vida nas diferentes culturas, mas também como foi que as primeiras comunidades cristãs conseguiram começar, crescer, expandir-se mesmo num meio ambiente que lhes era contrário, como nos estava acontecendo a nós....

Em língua felupe só tínhamos o Evangelho de Lucas, mais uma série de passagens dos outros livros usados na catequese ou na liturgia.

Empreendi a tradução contínua dos Actos dos Apóstolos, depois de Marcos e comecei a preparar as cartas aos cristãos de Tessalónica.

Levámos um inteiro ano pastoral (74-75) a percorrer os primeiros 15 capítulos do livro dos Actos dos Apóstolos, tentando identificar as linhas dinâmicas pelas quais procedia a construção das comunidades, enquanto através do Evangelho de Marcos tentámos aprofundar a um nível mais pessoal o sentido do "seguir a Cristo" que constitui o verdadeiro discípulo cujo caminho è o mesmo de Jesus, o caminho da Cruz.

Os resultados desta caminhada podem ser considerados em dois planos.

- 1 O Novo Testamento deixou de ser um livro, um conjunto de folhas quase sem vida, para se erguer diante de nós como um conjunto de pessoas que nos precederam no caminho e se tornaram nossos guias e exemplos, nos livraram suas experiências, nos falaram das dificuldades que encontraram, muitas vezes parecidas com as nossas (incluindo as perseguições) e de como conseguiram ultrapassá-las, fornecendo-nos a "ferramenta" necessária e adequada para nós também conseguirmos o mesmo. Afinal, um verdadeiro "diário de viagem", um "roteiro" a guiar os nossos passos.

-2 Nos encontramos com o hábito de nos reunirmos regularmente, praticamente com o hábito da "**catequese contínua**" que, se não continuasse, nos faria mesmo falta. Mais uma prenda recebida pelas mãos de Deus, sem merecimento nenhum por nossa parte.

Claramente ao longo dos anos a catequese permanente foi mudando e abrangendo os vários documentos que saíam de Roma, das mãos do Papa, ou da Diocese, depois que esta nasceu, em 1977.

Assim se tornou normal que qualquer inquérito, qualquer carta, qualquer conjunto de "lineamenta" fosse levado ao conhecimento de toda a comunidade e de todas as comunidades, nem que isso

implicasse um certo tempo e o deslocar-se das comunidades para o lugar escolhido para o encontro, que nem sempre era Suzana, ou o peregrinar do próprio padre de comunidade em comunidade passando nelas a noite. Custou e custa sacrifício, mas sem sacrifício não se faz nada.

Reflectindo sobre esta experiência e diante do bem que dela nos veio e ainda nos vem a nós todos, quer como comunidades, quer pessoalmente como cristãos e a mim pessoalmente como padre, acho bem colocar uns pontos claros que podem servir também para outras comunidades e para outros meus irmãos evangelizadores.

Aquando do meu serviço nos estágios diocesanos de formação dos catequistas (1979 -1982) e a seguir também como coordenador da Comissão Diocesana de Catequese (1982-1988), pelas informações que recebi, me dei conta que na Guiné Bissau a Catequese permanente era praticante desconhecida, fora o caso de Suzana em que acabo e falar, e de algum outro.

Na prática, depois do sacramento da Confirmação, acabou, não há mais catequese, como se a Confirmação representasse o diploma da escola, obtido o qual não se frequenta mais.

Umhas pequenas experiências esclarecedoras:

Quando, em 1977, comecei o trabalho em S. Domingos dizendo que começávamos pela catequese, no dia marcado o local de reunião virou a jardim infantil: um sem fim de crianças rigorosamente debaixo dos dez anos, umas até carregando às costas o bebé que a mãe lhe confiara! Quando tentei dizer algo aos adultos a resposta veio certa. "Não falaste em catequese? Aquilo è para crianças, nós já tivemos, Para nós só a Missa". Entendido?

Mais ainda. No final dos anos oitenta, depois da criação dos Sectores de Pastoral, querendo eu insistir, como cootdenador da Comissão Diocesana da Catequese, para que cada Paróquia tivesse sua catequese para adultos, um padre, missionário, retorquiui dizendo "Catequese? Para adultos? Para qual sacramento ainda se deveriam preparar?" Como ele não queria admitir que deve haver catequese sem ser para se preparar a um sacramnto,, lembro-me que a certo ponto lhe disse: "Digamos que pelo menos ainda não receberam a unção dos enfermos e então pelo menos preparem-se para aquela!".

A excepção de uns poucos casos, parece-me que a situação não melhorou muito. E então retomo o discurso não a partir da unção dos enfermos, mas sim dos **documentos** que já naquela altura tinham feito sua aparição e que na altura tentei lembrar ao meu confrade.

Em 1971 saiu por iniciativa da Sagrada Congregação do Clero o "**Directório Catequístico Geral**". Era o ponto de chegada de todo um movimento de renovação da catequese que começara desde final do séc. XIX e que andava ao passo com o movimento litúrgico. Os dois, juntamente com o movimento ecuménico e o das Missões, foram assumidos e relançados pelo Concílio Vaticano II e pelos Papas que a seguir se encarregaram de colocar em andamento as diretivas que do Concílio saíram

Em oito capítulos esubdivididos em 134 parágrafos traça a fisionomia, a finalidade, os fundamentos e as modalidades da catequese.

Falando dos destinatários da mesma depois de ter mencionado as várias idades, no n. 79 diz: "O presente Directório Geral afirma com força a necessidade de uma catequese aos adultos pelas razões seguintes...": e enumera três razões que convidam a ir procurar..

Os apóstolos do movimento de renovação da Catequese ficaram entusiasmados com o documento em que reconheciam muitas das suas instâncias. Muitas conferências episcopais elaboraram, depois de amplas consultas, os chamados "Documentos de base" para a renovação da catequese.

No meio desta vivacidade, Papa Paulo VI depois do Sínodo sobre a Evangelização, convoca o Sínodo sobre a catequese.

No fim do Sínodo os Padres entregaram as propostas, mas Paulo VI veio a falecer a 6 de Agosto.

O papa que lhe sucedeu, João Paulo Iº não teve nem o tempo material de pegar nas propostas: depois de dois meses da sua eleição ele também faleceu e as propostas passaram às mãos de João Paulo II. O qual retomou, no título, o estilo de Paulo VI e depois da "Evangelii nuntiandi" em 1979 deu-nos a "Catechesi tradendae" (o Evangelho para "anunciar" e a catequese para "ser entregue", de uma geração para outra, de uma mão para outra...)-

Falando na finalidade da catequese diz: " *A finalidade específica da catequese, no entanto, não deixa de continuar a ser a de desenvolver, com a ajuda de Deus, uma fé ainda inicial. A de promover em plenitude e de alimentar quotidianamente a vida cristã dos fiéis de todas as idades. Trata-se, com efeito, de fazer crescer, no plano do conhecimento e da vida, o gérmen de fé semeado pelo Espírito Santo, com o primeiro anúncio do Evangelho, e transmitido eficazmente pelo Baptismo.*" Notar logo a frase "de todas as idades".

Seria interessante seguir o Papa quanto ao aspecto da catequese com aquela sua linguagem "totalizante" que sempre é um convite para uma entrega pessoal a Jesus cada vez mais realizada; mas nos limitamos aqui ao que diz respeito à catequese permanente ou contínua, quer dizer que nunca acaba.

No n. 25 fala da necessidade de uma catequese em senso lato, quer dizer não strictamente ligada a assuntos a desenvolver numa caminhada de iniciação ou de crescimento. É o tal diálogo e partilha em cima da vida da comunidade, a qual busca um caminho e constrói uma identidade, em ligação com os acontecimentos da Igreja a nível local e mundial.

Falando dos destinatários da catequese, no n. 43 menciona os adultos. Eis as suas palavras:

*"Prosseguindo a série dos destinatários da catequese, não posso deixar de realçar aqui um dos cuidados dos Padres do Sínodo, requerido com vigor e urgência pelas experiências que se estão a fazer no mundo inteiro: trata-se do **problema crucial da catequese dos adultos. É a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida** (90).*

Efectivamente, a comunidade cristã, nunca poderá pôr em prática uma catequese permanente sem a participação directa e experimentada dos adultos, quer sejam eles os destinatários quer os promotores da actividade catequética. O mundo em que os jovens são chamados a viver e testemunhar a fé, que a catequese intenta aprofundar e consolidar neles, é um mundo governado pelos adultos; a fé destes, portanto, tem de ser continuamente esclarecida, estimulada e renovada, a fim de impregnar as realidades temporais desse mundo por que eles são os responsáveis.

Assim, para ser eficaz, a catequese tem de .ser permanente; seria em vão, quase pela certa, se parasse no começo da maturidade, uma vez que ela se demonstra não menos necessária para adultos, embora sob outra forma, obviamente.

No n. 53 o Papa abre uma **nova via** para a catequese, uma nova finalidade que exige uma acção coral de toda a comunidade, principalmente dos adultos e, pela primeira vez num documento da Igreja, aparece a palavra "Inculturação" .. Eis o que diz:

*" Passo agora a tocar outro problema. Como tive ocasião de dizer recentemente aos membros da Comissão Bíblica, «O termo 'aculturação', ou 'inculturação', apesar de ser um neologismo, exprime muito bem uma das componentes do grande mistério da Encarnação» (94). Podemos dizer da catequese, como da evangelização em geral, que ela é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas. Para isso, a catequese tem de procurar **conhecer essas culturas e suas componentes essenciais**; apreender as suas expressões mais significativas; saber também respeitar os seus valores e riquezas próprias. É deste modo que poderá propor a essas culturas o conhecimento do mistério escondido (95) e ajudá-las a fazer surgir da sua própria tradição viva expressões originais de vida, de celebração e de pensamento cristãos."*

Depois da publicação do Diretório , de outros documentos das Conferências episcopais, dos Sínodos especiais para África e outras partes do mundo, nos quais nunca falta uma referência à catequese, houve a publicação do Catecismo da Igreja Católica a marcar uma etapa importante no desenvolvimento da Catequese. Por isso se impunha uma actualização do próprio Diretório Geral da Catequese; o que foi feito a 15 de Agosto de 1997.

É surpreendente como este directorio atribua grande importância à catequese aos adultos, de que trata principalmente nos nn. 172 a 176. Até chega a dizer que tal catequese deve servir de modelo e de referência para as outras catequese a outras idades e categorias! (Catequese aos marginalizados,

catequese aos presos, etc...) E não aponta limites de idade! Não há "reforma" para a catequese: até fala na catequese aos anciãos e, cateques para a terceira idade, a idade da reforma: também para ela é contemplada uma catequese específica (DESDE 1997!!!). (ver nn.186-188 do Diretório geral")

A este ponto pergunto a mim mesmo: quem são os conhecedores de sua cultura a não ser os adultos? E então, quem serão os actores desta inculturação, prolongamento em boa parte da própria catequese? A catequese, entendida no seu sentido originário de "ressonância", de "fazer ressoar" o Evangelho anunciado para que se torne sal de todas as culturas (vejam-se os documentos sucessivos relativos à África)? Não são primeiramente as crianças nem os jovens, nem sequer os teólogos, mas sim todos os membros das comunidades.

Por exemplo: uma mãe cristã que ensina à sua criança a rezar está fazendo um dos primeiros trabalhos de inculturação; assim também quando lhe explica as razões pelas quais deve ajudar em casa nas várias ocupações. Para tal deve sempre "refrescar" suas convicções e informações para transmitir sempre o que ajuda a crescer na fé.

Para não dizer que, como nos lembra Pedro na sua primeira carta, todos somos chamados a dar as razões da nossa esperança.

Mas, afinal das contas, **è o próprio Jesus** que nos diz que a catequese não pode acabar. Nas leituras do tempo Pascal temos o Evangelho de João, lá onde nos traz os discursos de Jesus na última Ceia. Só uns passos:

"Ainda tenho muita coisas para vos dizer, mas agora não podeis com elas. Quando virá o Consolador, o Espírito Santo, Ele pegará do meu e vo-lo ensinará". E falando da missão do Espírito diz:

Ele vos lembrará o que eu disse (lembrará, QUER DIZER fará ressoar, dirá outra vez para que vocês oiçam: è mesmo o sentido de "catequese"); ele vos introduzirá na verdade completa; Ele pegará no que disse e vos fará entender as coisas que hão de vir.... Um catequista perfeito, que falará a quem? Sò às crianças? Jesus está falando com adultos, e adultos que já estão a ser catequisados desde três anos pelo próprio Jesus, imaginem!

E nós não precisamos de catequese! O que já ouvimos nos basta?

Parece mesmo que não. E se bastasse até hoje não bastaria amanhã, por duas razões:

1 a primeira é propria da Revelação cristã. As palavras de Jesus que lembramos há bocado, juntamente com as que João escreve nos finais de seu Evangelho são claras. O que diz João? *"Muitos mais sinais miraculosos realizou ainda Jesus na presença de seus discípulos, que não estão escritos neste livro, Estes porém foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e acreditando terdes vida nEle"*.

Que è como dizer: tudo o que está aí escrito è Palavra de Deus, refere o que Jesus disse e fez. Mas não è toda a Palavra de Deus, não è tudo o que Jesus disse e fez que foi escrito: há toda uma parte que os discípulos viram e podem contar, mas nada disso está aí escrito.

Um exemplo:

Os nossos irmãos muçulmanos nos dizem que tudo o que está escrito no seu livro santo, o Alcorão, è palavra de Deus revelada a Muhammad e que fora deste livro não há mais palavra de Deus.

Nós dizemos que tudo o que há no nosso livro Santo, a Bíblia, è Palavra de Deus, mas que há outra Palavra de Deus que não está aí escrita, mas que o Espírito Santo sugere, lembra, explica à Igreja.

E' como se tivermos água a sair duma torneira:

- para os nossos irmãos muçulmanos a água viva da Palavra de Deus vem duma só torneira, representada pelo livro santo; o Alcorão;

- para nós as torneiras são duas:

a do livro santo, escrita na Bíblia e que lemos e interpretamos com a ajuda do Espírito Santo na igreja

a da tradição, contada na Igreja, a que o Espírito Santo lembra, explica, actualiza através de Sínodos e Concílios, dos Bispos unidos ao Paapa.

Foi esta que ressoou como resposta a heresias e a outros erros ao longo da história e que está condensada no "CREDO". Esta torneira nunca para de dar água e é a que alimenta a fé da Igreja e a catequese, que a este ponto não pode não ser contínua, permanente.

Ou será que decidimos fechar a torneira e dizer a Deus que por favor se cale?

Deus nos livre!

E então, meus irmãos, vejam a maneira de organizar a catequese permanente se è que não têm nas suas paróquias! E façam-no já! Obrigado.

pe Zé Fumagalli

P.S. Uma sugestão? Peguem no Catecismo da Igreja Católica. e procurem percorrer as suas quatro partes. Isso vai levar pelo menos oito anos, inserindo ao longo do percurso os outros programas solicitados ou propostos a nível de Igreja universal ou de Igreja local (Documentos do Papa, dos Bispos; Anos especiais, como o da Eucaristia, eventualmente um ano da Família, etc.)

Depois de oito ou mais anos não haveria dificuldade em recomeçar outro ciclo. Seria garantida a integridade da catequese como também a sua fidelidade objectiva, sendo tal Catecismo expressão da vontade do próprio Pontífice. (cfr nn. 119-136 do Directorio Geral para a Catequese de 15.08.1997).

Bom trabalho, meus irmãos, e deixem a fantasia trabalhar!